

## **Pelos palcos da vida ou Artisticamente**

### **falando**

É frequente encontrar afirmações de que a história da arte brasileira teria se iniciado com o surgimento do barroco mineiro, no século XVIII. Sem dúvida este foi um período histórico extremamente rico e inaugural para diversas expressões artísticas no país. No entanto, essa assertiva só pode ser considerada verdadeira por aqueles que, de modo etnocêntrico, acreditam que arte é sinônimo de cultura europeia. Quando se observam a magnitude e a criatividade das tradições dos diversos povos indígenas que aqui estavam antes da chegada do colonizador e dos africanos que para cá vieram, descobrem-se outras pontes e outros marcos, certamente mais antigos, da produção artística no Brasil.

Sabe-se que a música, as danças, os vários instrumentos de percussão, os adereços e as cores luminosas, entre outras especificidades, são intrínsecos às expressões lúdicas e às práticas religiosas de matrizes africanas. Também é fato conhecido que as influências dessas matrizes, tanto estéticas quanto rítmicas, amalgamaram os alicerces do processo de construção da múltipla identidade artística e cultural brasileira.

Registros documentais da colônia, provenientes das diversas regiões do país, atestam que a população negra, escravizada ou livre, costumava formar rodas para cantar e dançar, muitas vezes com mais de mil integrantes. Relatam também que, desde os primórdios do processo de urbanização de vilas e povoados, as mulheres negras – que dominaram tradicionalmente o comércio ambulante ao longo da história – tinham por hábito criar melodias e rimas para negociar seus produtos.

Nos espaços de gênese da música colonial brasileira, nas minas gerais dos áureos tempos setecentistas, encontram-se referências à participação de artistas negras em diferentes formações orquestrais, as quais se apresentavam em ruas, igrejas e nas casas comerciais existentes, assim como nos salões e saraus das residências senhoriais.

Um dos mais antigos elencos profissionais brasileiros de que se tem notícia foi criado durante o mandato do vice-rei Luís de Vasconcelos, entre 1779 a 1790, no Rio de Janeiro. O grupo era formado por cantores, dançarinos e comediantes, e entre esses artistas estava Joaquina Maria da Conceição Lapa, mais conhecida como Lapinha, uma cantora contratada carioca que, após ser aclamada no Brasil, consagrou-se em importantes palcos da corte portuguesa, nos anos de 1794 e 1795.

Ao longo do período imperial e nas primeiras décadas da República, encontram-se vários nomes de mulheres negras que assinaram importantes capítulos da história cultural e artística do país. Apesar das resistências, durante o século XIX, os lundus acabaram por se popularizar entre todas as camadas sociais. Certamente com este ritmo e, posteriormente, com os maxixes, muitas artistas afro-descendentes foram reverenciadas pelo público. Entre elas estava a pernambucana Joana Januária de Souza Bittencourt, corada por suas atuações em farsas e entremeses da época.

Em São Luís do Maranhão, no ano de 1859, a professora Maria Firmina dos Reis publicou o romance abolicionista *Úrsula*, sendo considerada a primeira romancista brasileira. A cantora e atriz Plácida dos Santos é tida como a pioneira na introdução de lundus, modinhas e maxixes nos palcos franceses. Em 1889 embarcou para Paris, onde passou 11 anos encantando as mais exigentes plateias da Europa.

Chiquinha Gonzaga – Francisca Edwiges Neves Gonzaga – começou a compor na década de 1870, e sua obra representou um dos maiores divisores de águas na música brasileira. Escreveu cerca de duas mil peças, dezenas de partituras teatrais, operetas e revistas. Entre seus vários sucessos destaca-se uma marchinha que se tornou um ponto de demarcação da música carnavalesca no país: “Oh, abre alas”, feita para o cordão Rosa de Ouro, em 1899.

Por volta de 1910, Chica Barrosa – Francisca Maria da Conceição – começou a virar lenda entre os repentistas do Nordeste. Era cantadora valente que surpreendia e desafiava as celebridades do cordel com a genialidade de seus versos. Em uma época de grandes dificuldades para a realização de registros fonográficos, a cantora carioca Zaira de Oliveira, com formação clássica, gravou 25 discos com canções dos mais variados estilos musicais. Em 1921 conquistou o primeiro lugar em um concurso do Instituto Nacional de Música, a mais importante instituição musical brasileira daquele período. Entretanto, por ser negra, foi impedida de receber a premiação conquistada.

Na segunda metade da década de 1920 surgiram marcos historicamente significativos para a afirmação do chamado teatro negro no país. Embora tenham sobrevivido somente por alguns anos, três companhias formaram-se, compostas exclusivamente por artistas afro-descendentes. As duas primeiras, Companhia Negra de Revista e Bataclan Preta, foram co-fundadas no Rio de Janeiro, pelo compositor De Chocolat; a terceira, Companhia Mulata Brasileira, foi criada em São Paulo, na mesma época. Rosa Negra, Djanira Flora, a barbadiana Miss Mons, Albertina da Rocha Viana, conhecida como Jandira Almore e Dalva Espindola foram grandes estrelas da Cia. Negra de Revista.

Cumprê também registrar o surgimento de grupos que se tornaram referências obrigatórias na formação e valorização de artistas e autores negros no Brasil. Nas décadas de 1940 e 1950, estrearam o Teatro Experimental do Negro (TEN), o Teatro Popular Brasileiro, berço do Teatro Folclórico Brasileiro, e o Balé Negro de Mercedes Baptista. Nos anos 1970, uma cooperativa de intelectuais lançou os *Cadernos Negros*, série de publicações mantida pela organização Quilombhoje, atualmente co-dirigida pela escritora Esmeralda Ribeiro. O nascimento do Bando de Teatro Olodum e da Cia. dos Comuns, na Bahia e no Rio de Janeiro respectivamente, marcaram a década de 1990.

Seriam necessários anos, provavelmente décadas, de investigações e pesquisas aprofundadas para contextualizar e revelar satisfatoriamente nomes, vidas e trajetórias das incontáveis atrizes, cantoras, musicistas, compositoras, bailarinas, dançarinas, escritoras, poetisas, artistas plásticas, escultoras, fotógrafas e cineastas afro-descendentes que participaram e participam da contínua construção dos amplos e diversificados palcos culturais brasileiros. Como se sabe, tanto na memória quanto na arte, não existe ponto final.